



MURILO BAIXA A GUARDA

O PROTAGONISTA DE 'FORÇA-TAREFA' REBATE A FAMA DE ANTIPÁTICO E AFIRMA QUE SÓ QUER SER VISTO COMO UMA PESSOA COMUM



Murilo Benício é ator pronto para qualquer parada. O primeiro papel na TV foi o de um gari em "Fera ferida" (1993). Um tipo qualquer, não fosse o ator ter imprimido ao personagem uma irresistível gagueira. Logo depois, serrou um dente para encarnar o tresloucado Juca Cipó no remake de "Irmãos coragem" (1995). Dali para frente, colecionou mocinhos e vilões. Atualmente, vive o correto tenente Wilson, em "Força-tarefa".

Você tem fama de antipático e difícil. De onde vem isso?

— Vem da guerra que tinha com os paparazzi. Já fui de jogar coisa em fotógrafo, xingar. Não faço mais porque essa porcaria só se agrava. Sempre quis ter uma vida privada, já que a profissional é muito exposta. Quis proteger meus filhos (Pietro, de 3 anos, e Antônio, de 12). Não sei se querem ser apontados na rua. Se quiserem ser famosos, vão cantar, fazer TV ou até pedir: "Pai, vamos ali no Leblon para eu sair na revista?".

A fama atrapalha a sua vida?

— A imprensa me julga do jeito que quer. Quando defende a intimidade, o ator é mal visto. Mas ninguém pensa no quanto é ruim ser fotografado o tempo todo. A gente está vivendo um momento em que ser famoso ultrapassou o entendimento. Antigamente, as pessoas eram reconhecidas e, depois, viravam famosas. Hoje as pessoas ganham fama com um escândalo e estão na capa da "Playboy"! E todo mundo acha legal. Mas tem quem seja famoso e queira uma vida comum. Não sou a Madonna!

E a relação com os fãs?

— Com o público não existe isso. Público é eternamente perdoado, por mais que venha tirar uma foto no meio do seu almoço, o que é de extrema falta de educação. Sempre poso para foto. Raramente digo: "Espera aí que depois eu tiro". É por isso que o fã que me conhece, que se aproximou de mim, não vai dizer que sou antipático.

"Já fui de jogar coisa em fotógrafo, xingar. Não faço mais porque essa porcaria só se agrava"

A timidez propagada é verdadeira?

— Sou tímido mesmo, e não acho isso o máximo. Adoro gente. A Fabiula Nascimento (que faz Jaqueline, a mulher de Wilson no seriado) é a melhor pessoa para lidar comigo. Ela chega gritando, fala com todo mundo, é expansiva... Assim a pessoa me ganha.

O que tem de Niterói nesse jeito menino do interior?

— Minha essência é essa. Não sou o famoso da TV Globo, sou o Murilo Benício, filho da Berenice e do Mário de Niterói. Fim de semana, estou com minha família no meu sítio. Você não me vê com um amigo famoso num iate, ou perambulando pelo Leblon. A minha vida é simples, minha vida é minha família.

Fazer um policial incorruptível o fez mudar o olhar sobre a polícia?

— Descobri que tem muito mais policiais honestos do que imaginava. Claro que não conversei com todos, mas percebi que a coisa do corrupto

também é generalizada. É fácil ser honesto quando se tem dinheiro, mas é difícil quando o dinheiro falta.

Qual o maior conflito do tenente Wilson no seriado da Globo?

— É com a mulher. Ele não quer casar e não é porque não gosta dela. Ele tem medo de ter um filho porque lida com a violência, com a morte. E não quer mais chances de sofrer.

A violência te assusta?

— Me assusta muito mais a violência do exterior, de um cara que põe uma bomba no metrô, de um louco que entra numa escola e mata todo mundo. A nossa está vinculada à desigualdade social. Nós somos culpados por tudo isso, mas é reversível. Não tenho nada em casa que seja pirata. Tenho dois filhos para dar exemplo. É claro que é muito fácil dizer isso porque tenho condições de comprar o que é original, entendo quem compra o CD pirata porque quer ouvir seu ídolo. A pessoa nem sabe a besteira que está fazendo. A gente tem que melhorar isso. A classe rica e média são muito mais responsáveis que a pobre. É do nosso costume corromper.

"A nossa violência está vinculada à desigualdade social. Nós somos culpados por tudo isso, mas é reversível"

Você já pagou propina para policial numa blitz, por exemplo?

— Nunca, e já fui parado. Estava com o carro do meu secretário e não sabia que tinha o IPVA atrasado. O policial disse que ia rebocar e concordei. Fiquei uma

hora lá e ele me deu 12 dias para regularizar. Em momento algum pediu dinheiro. Podia ter oferecido e me livrado? Claro, mas não vou fazer isso. A atitude de corromper sempre vem do cidadão comum. Nós damos a chance para nos passarem para trás.

E você é hipocondríaco...

— Sou, da pior espécie. Parei de ver "House" (seriado médico) porque achava que tinha todas aquelas doenças (risos). Não tomo remédio, sou alérgico a AAS. Sempre acho que remédio vai me fazer mal (risos).

Faz terapia?

— Isso é um toque de amiga (risos)? Tenho um médico maravilhoso que me acompanha, o que, para qualquer hipocondríaco, é o melhor dos mundos. Ele tem um telefone que jamais é desligado. Posso ligar às 3h da manhã. É mais que análise, ele é psiquiatra, então, se as coisas não derem certo na conversa, ele dá logo um ansiolítico (risos).

Você já é pai de um pré-adolescente de 12 anos e daqui a três faz 40. Como está sendo viver esta experiência?

— O ruim é ficar velho. Outro dia, vi da janela uma festinha de adolescentes. Fiquei com uma inveja deles... Meninos de um lado, meninas do outro, o cara sem coragem de chegar... Fiquei horas olhando aquilo, lembrando do que já vivi, o medo de levar um não. E me deu vontade de descer. Estou revivendo isso com o Antonio. Ele já vai para matinê em boate. Inventamos frases de efeito para ele paquerar as meninas.

Então o tímido tem seus truques?

— Sou tímido, mas dou minhas cacetadas (risos).